

IRECÊ: UMA ÁREA AGRÍCOLA "INSULADA" NO SERTÃO BAIANO

ALUIZIO CAPDEVILLE DUARTE

Geógrafo do C.N.G.

A área de Irecê

A quem percorre o sertão baiano na zona da Chapada Diamantina, alguns quilômetros depois de atravessar o rio Jacaré ou Vereda do Romão Gramacho, limite entre os municípios de Morro do Chapéu e Irecê, depara-se uma região agrícola intensamente cultivada, que contrasta com a área de Morro do Chapéu, de ocupação humana rarefeita. As densidades demográficas são, aí, mais elevadas do que no conjunto da região. São superiores a 9 habitantes por quilômetro quadrado, destoando dos municípios vizinhos onde os índices populacionais se apresentam menos expressivos como: Seabra (7,91), Morro do Chapéu (5,56), Gentio do Ouro (2,71), Xiquexique (2,35), Sento Sé (1,32). É a área de Irecê que se salienta na economia regional não só pelo montante atingido por sua produção agrícola, como também, pelas características que a lavoura aí apresenta, isto é, a mecanização, o que não é comum no sertão baiano.

A presença dessa área agrícola é mais surpreendente para aqueles que percorrem a região de Morro do Chapéu com solos pouco produtivos, cobertos por uma vegetação rarefeita, onde os elementos cactáceos predominam, sendo a água do subsolo praticamente inexistente. Condições naturais, estas, que não favorecem um uso mais intensivo do solo, salvo nos pequenos vales encontrados ao sul e ao norte do município. Contrapondo-se a esta paisagem a região de Irecê, com uma agricultura feita em larga escala, suas extensas parcelas cultivadas, com maior número de habitações rurais, chama a atenção, mesmo a uma rápida observação.

O centro da área em questão corresponde ao município de Irecê que ocupa uma superfície de 4 527 km² e se situa numa superfície plana da Chapada Diamantina, monotonamente regular, com níveis em torno de 700 metros. Só na parte oriental do município é que são encontrados níveis mais elevados, porém, sem ultrapassar os 850 metros, com exceção de uma pequena elevação que apresenta a cota de 950 metros, recebendo a denominação do Morro do Ângelo Pereira, localizado no trecho nordeste do município.

Verifica-se de imediato que essa verdadeira ilha de particular expressão demográfica e econômica corresponde a uma bacia calcária, assentada em terrenos algonquianos; bacia esta referida ao período siluriano. Uniforme em sua composição, o calcário é aí do tipo laminado,

* O presente trabalho resultou de pesquisas de campo feitas durante a excursão realizada ao sertão do Nordeste, em fevereiro-março de 1962, chefiada pelo Prof. NILO BERNARDES, cuja orientação agradecemos. A permanência em Irecê foi de apenas dois dias, mas o interesse apresentado pela área em questão e a inexistência de qualquer estudo a respeito da literatura geográfica brasileira, justifica, a nosso ver, essa pequena contribuição.

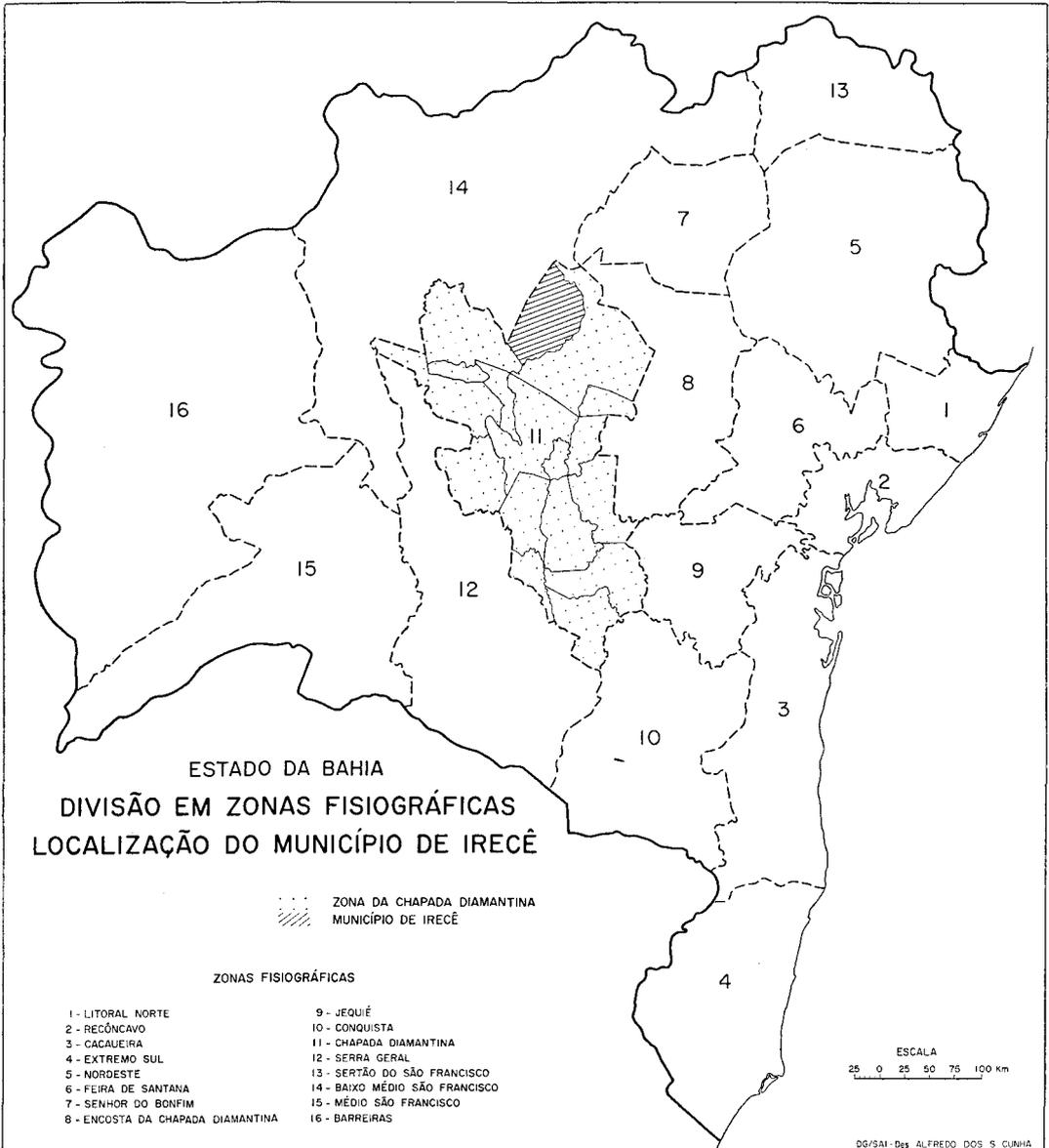


Fig. 1 — Mapa com a localização de Irecê na zona da Chapada Diamantina, estado da Bahia.

apresentando-se ligeiramente dobrado. Em determinados locais essa rocha aflora formando pequenos lajedos ou, então, devido à decomposição química, grutas ou lapas, como a que é encontrada no distrito de Lapão.

São os solos oriundos do calcário que conferem certa originalidade às condições naturais da área em tela, dado que, quanto às condições climáticas, a agricultura estaria, aí, sujeita às mesmas injunções de todo o conjunto do sertão. Com efeito, a região está enquadrada no tipo semiárido, com um período chuvoso que vai de novembro a abril, quando fortes e pesadas chuvas caem durante vários dias. A quantidade de chuvas caída neste semestre mais chuvoso representa 95,4% do total

anual. A estação pluviométrica instalada pelo Serviço Nacional de Meteorologia na cidade, assinalou para o período de 1949 a 1958, uma média anual de 477,0 milímetros. Total, aliás, mais baixo que em Morro do Chapéu que para o mesmo período apresentou uma média de 587,3 milímetros. Em Irecê o mês mais chuvoso é novembro quando a média pluviométrica atinge 115,3 milímetros. Em agosto, o mês mais seco, praticamente não chove.

Releva notar a medíocre drenagem superficial organizada nesta área, fato aliás compreensível dada a natureza litológica da mesma. Com exceção do Vereda do Romão Gramacho, nome dado ao alto curso do rio Jacaré, um dos afluentes do São Francisco, não há outro curso d'água que se possa localizar nessa área. A infiltração da água no calcário ocasiona, por outro lado, a ressurgência da mesma, em lagoas disseminadas por toda a região. Muitas destas nada mais são do que pequenas fontes intermitentes, assinaladas, na paisagem, mais pela toponímia das localidades ou das propriedades, do que pela acumulação permanente da água.

Recobre essa área uma caatinga arbórea, com pequena incidência de cactáceas. Destas, o elemento mais freqüente é o facheiro. Hoje, a caatinga está bem reduzida, pois foi derrubada para a instalação das lavouras. As capoeiras em diversos estágios, isto é, ora mais fechada e ora mais alta, aparecem por toda a área. Na parte setentrional do município é que encontramos um trecho mais contínuo daquela vegetação que ainda não foi devastada, pois, como está mais distante das principais vias de comunicação, o povoamento, aí, ainda não se processou de maneira efetiva.

A região agrícola, que chamamos de Irecê, abrange, além do município dêsse nome com seus cinco distritos (Irecê, América Dourada, Gabriel, Ibititá, Lapão), a parte leste do município de Central (Lagoa Canabrava), prolongamento natural e econômico do município em causa. Entretanto os principais trechos cultivados se estendem de modo particular da cidade de Irecê para leste, oeste e sudeste, nas áreas de Lapão e do povoado de Gameleira. Os outros trechos e a parte leste do município de Central não apresentam a mesma intensidade quanto à ocupação agrícola. Na área setentrional de Irecê, isto é, no distrito de Gabriel, a caatinga é ainda abundante e aí, a criação miúda representa papel digno de nota, enquanto a lavoura ocupa menor superfície.

A produção agrícola da região é expressiva dentro da economia do estado, sobretudo, devido à sua ocorrência em pleno sertão, indo contribuir para o abastecimento do estado e mesmo sendo comercializada para alguns municípios de Pernambuco e Paraíba. Essa lavoura destina-se não só ao fornecimento de produtos alimentícios como feijão e milho, mas, também, produtos para fins industriais como algodão, mamoná e, mais recentemente, sisal.

Para se ter uma noção da importância da lavoura de Irecê, pode-se verificar que, segundo o Serviço de Estatística da Produção, em 1959, o montante da lavoura atingiu as seguintes cifras: feijão — 130 000 sacas

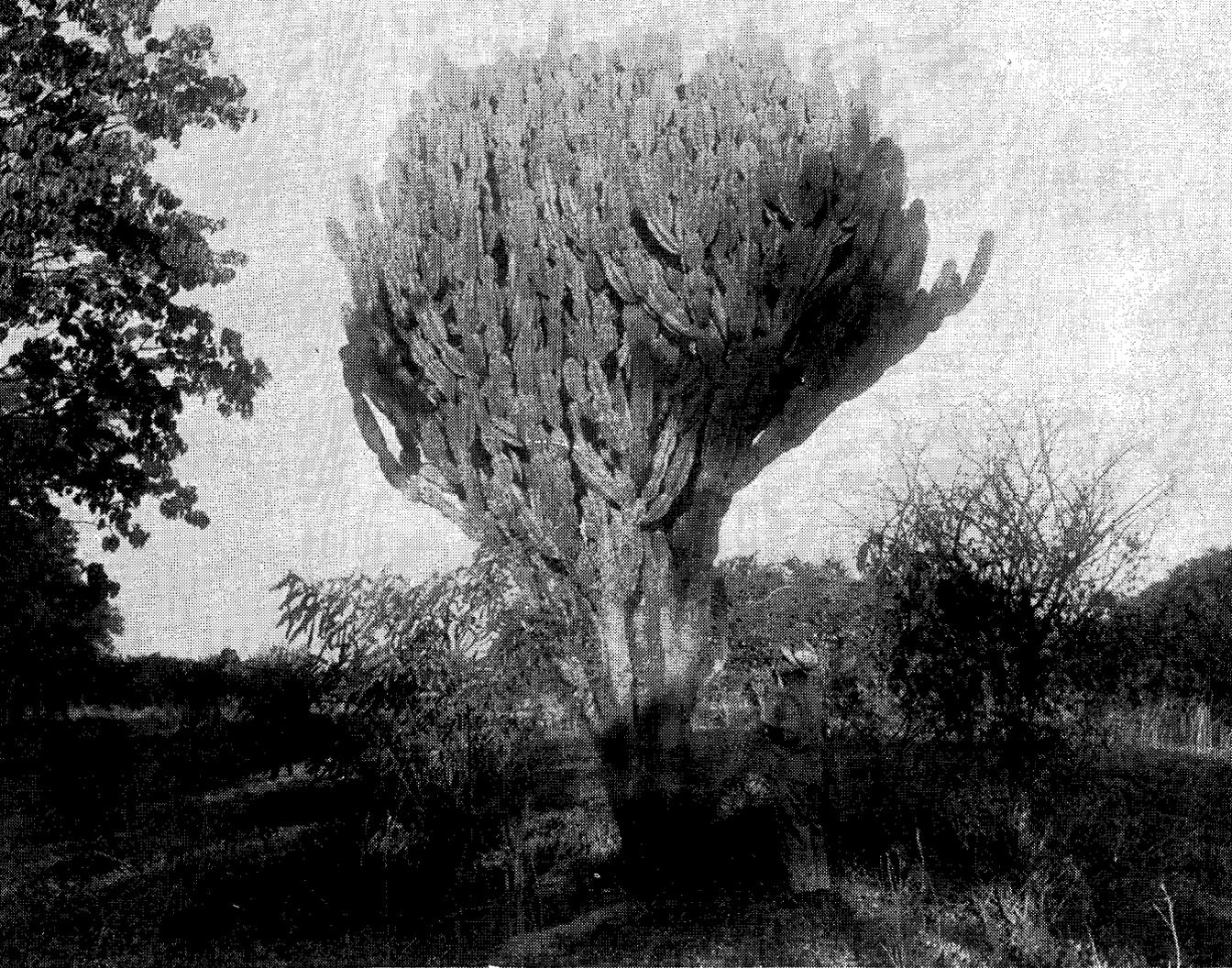


Fig. 2 — A caatinga em Irecê é do tipo arbóreo, com pequena incidência de cactáceas. Entre estas salienta-se, com certa importância, o facheiro.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

de 60 quilos; milho — 116 000 sacas, igualmente de 60 quilos; algodão herbáceo — 139 000 arrôbas; mamona — 2 000 toneladas.

Confrontando-se as densidades de produção dessas lavouras em Irecê, com as do sertão e as das demais áreas agrícolas do estado, chegamos à conclusão da posição de realce de Irecê na economia do estado. Assim, vejamos. O feijão, cultivado no município, apresentou densidade de 1 723 kg/km². Na área sertaneja os municípios como Morro do Chapéu e Gentio do Ouro tinham, respectivamente, 1,9 e 12,3. Na zona da Chapada Diamantina, zona da qual Irecê faz parte, só um município ultrapassou sua densidade, isto é, Andaraí com 1 899 kg/km². Aqui é preciso ressaltar que o mesmo se encontra numa área de transição para a zona da encosta da Chapada Diamantina, onde a pluviosidade é maior. Os municípios baianos de grande produção de feijão estão situados na zona do Nordeste, como Conceição de Coité com 5 753 kg/km², Cipó com 1 535. Assim Irecê salienta-se como uma das grandes áreas produtoras daquela leguminosa.

Quanto ao milho, a posição de Irecê, apesar de ser mais modesta, ainda assim, pode ser enquadrada entre aqueles de média densidade,

comparando-se com os maiores produtores da zona do Nordeste, como Ribeira do Pombal cuja densidade era de 2 000 kg/km² e Itapicuru com 1 399. Irecê apresentou 1 537, enquanto seus municípios vizinhos só atingiram como Morro do Chapéu, 2,9, Gentio do Ouro, 14,95, Andaraí, 569.

As áreas de maiores densidades de algodão herbáceo, na Bahia, situam-se na chamada zona da serra Geral, no sul do estado, onde Guanambi liderava em 1959 a produção com 3 160 kg/km², Brumado com 1 500, Caitité com 471. A posição de Irecê era bem expressiva, sobretudo, comparando-se com o restante do sertão, pois, sua densidade foi de 461 kg/km², enquanto Morro do Chapéu apresentou 9,06.



Fig. 3 — A drenagem superficial em Irecê é praticamente inexistente. O lençol subterrâneo, ao contrário, é de grande importância para a ocupação humana. Em certos trechos ele aflora formando pequenas lagoas como é visto na foto acima.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

As densidades de produção da mamona são maiores na zona da encosta da Chapada Diamantina onde Jacobina se distinguia com 9 687 kg/km² e Mairi com 1 388. Irecê, no sertão, apresentava 441, sobressaindo-se do conjunto, onde os municípios de Morro do Chapéu e Gentio do Ouro, seus vizinhos limítrofes, tinham, respectivamente, 5,8 e 3,6 kg/km².

A presença dessa "ilha agrícola" no sertão baiano, onde a rarefação da população e uma incipiente ocupação baseada na pecuária, são a constante da paisagem, aguça a curiosidade do pesquisador. Procurando-se as condicionantes que possam explicar a utilização mais

intensa da terra, vamos ver que dois elementos naturais se salientam a fim de justificar sua ocorrência: o solo e a água subterrânea.

A presença da bacia calcária vai originar solos permeáveis, onde predomina a argila coagulada, fina, rica em carbonato de cálcio. São assim, solos férteis oferecendo boas colheitas, sem apresentarem, até o momento, sinais de esgotamento.

A água é, aí, o outro importante fator para o bom rendimento da lavoura, não só a água da chuva mas, também, a água subterrânea. Na superfície do terreno formam-se pequenas fissuras por onde a água pluvial se infiltra indo formar o lençol freático. Assim a umidade do solo é constante, pois, mesmo no período seco, a terra permanece embebida pela água o que possibilita o crescimento das plantas.

A lavoura parece estar estreitamente correlacionada com o lençol subterrâneo. Dêste modo pressente-se que a própria variação de profundidade do mesmo lençol tem repercussão nas variações locais do solo. Na área onde êle é mais superficial, as condições da terra arável, quanto à umidade, são melhores; daí encontrarmos áreas agrícolas bem extensas. Quando a agricultura é feita em proporções mais reduzidas vamos ver que o lençol de infiltração se acha a maior profundidade.

Tôdas as secções cultivadas, tanto as de maior quanto as de menor expressão agrícola, apresentam, entretanto, as mesmas características quanto à estrutura agrária.

As características assim sumariamente expostas, correspondem, por sua vez, a certos traços originais do quadro agrário, a uma modalidade de utilização da terra contrastando com as áreas vizinhas e oferecendo, ainda frescos, os sinais da evolução da ocupação da terra. Por serem fatos, êstes, pouco conhecidos, merecem comentário mais pormenorizado.

O quadro agrário

A situação do quadro agrário em Irecê se apresenta com características especiais no que se refere às técnicas agrícolas e às formas de exploração.

O censo de 1960 encontrou no município de Irecê, 2 419 estabelecimentos rurais, reconhecidos como tais "qualquer exploração agropecuária, independente de tamanho, formado de uma ou mais parcelas de terras confinantes, sujeitas a uma única administração" *. Abrangiam uma área de 190 200 hectares. Em relação ao censo de 1950 houve grande aumento da área dos estabelecimentos, pois, naquela data os mesmos atingiam 1 191 com uma superfície de 47 561 hectares. Houve assim um aumento da área média dos estabelecimentos de 39,9 para 78,6 hectares por estabelecimento. A primeira vista isto poderá parecer uma grande expansão das atividades agrícolas, porém, tem que se levar em consideração que o censo agrícola engloba, constituindo o estabelecimento não somente as parcelas em cultivo mas, também, áreas em pastagens, silvicultura, capoeiras. Não houve aglutinações de estabele-

* *Sinopse Preliminar do Censo Agrícola — 1960. Serviço Nacional de Recenseamento. IBGE.*

cimentos, porque seu número aumentou. O expressivo acréscimo da área média se deu graças à anexação de novas terras, até então áreas de livre pastoreio. A percentagem da área de lavouras dentro dos estabelecimentos entre os dois últimos censos não teve crescimento expressivo, pois, em 1950, correspondia a 17,62% do total dos estabelecimentos e em 1960 subira, apenas, para 18,40%. Isto pôsto, podemos dizer, que a lavoura tem-se desenvolvido graças ao desbravamento de novas áreas, reflexo do sistema agrícola aí empregado, isto é, a rotação de terras.

Os estabelecimentos variam de tamanho, predominando os médios, sendo assim considerados os que apresentam 200 a 1 000 tarefas, isto é 80 a 450 hectares. Pelo quadro abaixo poderemos ver que dos 2 419 estabelecimentos recenseados, 1 455 estavam grupados entre os que possuem uma área de 10 a 100 hectares.

<i>Grupos por hectare</i>	<i>N.º de estabelecimentos</i>	<i>Área total</i>
Menos de 10	481	3 193
10 a menos de 100	1 455	54 844
100 a menos de 1 000	469	114 476
1 000 a menos de 10 000	14	17 687

Confrontando-se essa tipologia da estrutura fundiária de Irecê, com a dos municípios vizinhos, vemos o seguinte: entre os que compõem a zona da Chapada Diamantina, somente Lençóis, Utinga e Palmeiras possuem um número menor de estabelecimentos com menos de 10 hectares. Dentro da segunda categoria, isto é, os de 10 a menos de 100 hectares, só Ituaçu e Mucugê possuem número tão elevado de estabelecimentos com esta superfície. O comum na zona é os municípios apresentarem 400 a 600 estabelecimentos dentro desta categoria. Na terceira, isto é, estabelecimentos de 100 a menos de 1 000 hectares, Irecê é o único que apresenta 469. Os demais, com exceção de Morro do Chapéu (460) e Ituaçu (372), possuem menos de 200 estabelecimentos. Na última categoria, a zona da Chapada Diamantina apresenta número reduzido de estabelecimentos com tais dimensões. Isto vem confirmar o que dissemos acima: que Irecê se caracteriza por apresentar estabelecimentos de tamanho médio, distinguindo-se do comum de sua zona fisiográfica onde predominam os pequenos estabelecimentos, onde 62,79% do total correspondem a estabelecimentos com menos de 10 hectares. Aqui é preciso acrescentar que o censo não faz recenseamento das áreas de livre pastoreio, que é a maneira mais usual do uso da terra no sertão. Isto reafirma a posição de Irecê como área agrícola, onde as possibilidades naturais favorecem as lavouras que se expandem sobre as áreas de livre pastoreio.

Não há uma relação entre o tamanho dos estabelecimentos e o sistema agrícola empregado. Todos os proprietários e responsáveis usam as mesmas técnicas nas lavouras, independentes do tamanho dos mesmos. Igualmente, por ser uma região de topografia uniforme, sem apresentar drenagem organizada, não há influência das condições naturais no tamanho dos estabelecimentos.

Há, ainda, grandes propriedades que são domínios das tradicionais famílias de Irecê, descendentes dos primeiros povoadores da área.

A região de Irecê fazia parte das terras de uma sesmaria que se estendia até às barrancas do São Francisco, pertencente ao conde da PONTE, residente em Macaúbas. Esse proprietário não se havia interessado por esses domínios que, até os meados do século passado, permaneceram aproveitadas apenas para o livre pastoreio. Lavradores e proprietários do sertão, levados pelas secas periódicas que assolam a região, iam chegando a esse local onde encontravam água no subsolo, fontes e a mata acaatingada. Aí se estabeleceram, apossando-se das terras. Mais tarde tornaram-se proprietários das mesmas. Nas primeiras fazendas iniciaram uma precária lavoura comercial de algodão que era beneficiado no próprio local, sendo enviado em lombo de animal até a estação de Queimados situada a uns 250 quilômetros a leste de Irecê e durante muito tempo, foi ponta de trilho da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, no ramal que vai de Salvador para Juazeiro.

O regime de exploração em parte está condicionado pelo tamanho das propriedades, havendo as formas direta e indireta, sem a predominância de uma forma sobre a outra, além daquela que chamamos mista.

Encontramos proprietários que exploram diretamente suas terras. Geralmente são os que dispõem de pequenas glebas, isto é, com 80 tarefas ou menos. Os grandes proprietários ou aqueles que por um motivo qualquer, não podem explorar diretamente seu estabelecimento, pois dedicam-se a outra atividade na cidade, como é o caso de comerciantes, como também dos funcionários públicos, lançam mão do trabalho assalariado ou da parceria. Neste sistema encontramos duas modalidades diferentes. Assim quando os proprietários absenteístas precisam de um empregado que fique responsável pelo estabelecimento, procuram interessá-lo no desenvolvimento da produção, criando um sistema de parceria que é conhecido no local sob a denominação de "sociedade". Trata-se de uma forma de meação, na qual o proprietário entrega a terra arada, fornece sementes, financia a produção, dividindo os lucros com o sócio cuja responsabilidade ultrapassa a de simples trabalhador e passa a exercer as funções de administrador. Esta modalidade de contrato incentiva o parceiro a dedicar-se inteiramente à terra, ao mesmo tempo que atrai e fixa a mão-de-obra que não é abundante na região.

O outro sistema de parceria é a meação. O parceiro recebe do dono da terra o terreno arado e as sementes, ficando a seu cargo o financiamento da produção, acarretando com os riscos que essa possa apresentar. O resultado das colheitas é dividido pelos dois, comprando, geralmente, o dono da terra, a parte do meeiro.

Além da mão-de-obra flutuante que é numerosa nos períodos de plantio e colheita, é sempre necessário, para trato das culturas e outros trabalhos, um número de trabalhadores permanentes, em cada estabelecimento. Assim para tratar de 100 tarefas é preciso ter 5 trabalhadores efetivos. Porém, nas épocas de plantio e colheita, esse numerário tem que atingir a 10 ou mesmo 20 diaristas, sobretudo, se o ano pluviométrico for favorável e as colheitas apresentarem bons rendimentos.

As propriedades com menos de 200 tarefas são exploradas, geralmente, pelo dono e seus familiares, tendo necessidade, apenas, de contratar diaristas para os trabalhos de plantio e colheita. Isto é possível, porque é comum não utilizarem tôdas as parcelas ao mesmo tempo, deixando reservas. Assim, nos estabelecimentos com 100 tarefas, sòmente umas 70 são cultivadas.

Já as grandes fazendas são exploradas sob regime misto. O proprietário "toca" uma parte do estabelecimento, contratando meeiros que se responsabilizam pelo restante da propriedade. À guisa de exemplo citamos o caso de um dos maiores proprietários da região (Sr. ALÍPIO NUNES DOURADO) que possui três estabelecimentos em áreas não contíguas. Cada um dêles com 1 000 tarefas. Analisando uma dessas fazendas vemos que cultivava umas 400 tarefas, empregando para isso 10 meeiros que são responsáveis por 150 tarefas. As restantes 250 eram cultivadas pelo proprietário, contratando diaristas para auxiliá-lo. Essas parcelas apresentavam-se em pastos, pomares e local de moradia.

Não há predominância de nenhum sistema de trabalho, mesmo do assalariado diarista, apesar de em certas épocas, êle representar a maior parte da mão-de-obra agrícola.

O agricultor planta em seu estabelecimento, por menor que seja a área arável disponível, todos os produtos que lhe possam fornecer lucros. Mesmo se o estabelecimento estiver em áreas de solos localmente desfavoráveis por conter rochas ainda não decompostas — "terras pedregosas" — como chamam os naturais da região, seu proprietário, em uma mesma parcela, cultiva juntos, o milho, o feijão, a mamona, o algodão. Esta é uma maneira de o lavrador defender-se contra possível malôgro nas lavouras, pois, se houver deficiência pluviométrica o que afetará certos produtos como o feijão e o milho, outros menos exigentes quanto à umidade, como a mamona, resistirão melhor à sêca, possibilitando salvar parte da colheita.

A topografia plana dos terrenos é extremamente favorável à mecanocultura. Assim o uso do arado puxado a trator está generalizado no município. Os proprietários que não possuem máquinas, costumam alugar, dos órgãos oficiais, como a Comissão do Vale do São Francisco e a Secretaria da Agricultura do estado que instituiu um plano de assistência técnica e financeira para intensificar o desenvolvimento da produção agrícola do município, intitulada "Operação Irecê". Êsses órgãos alugam, como dissemos, tratores e implementos para os trabalhos de desmatamento, destocamento, aradura e gradagem.

A mecanização que é recente, veio possibilitar a utilização de uma área maior para a lavoura; daí ser um fator do crescente aumento da produção agrícola. Além disso, acarretou uma economia de mão-de-obra, de modo especial nos períodos do plantio e colheita.

O preparo dos terrenos a serem cultivados começa em junho. Uma vez arado o terreno é feito o plantio, de outubro a novembro, meses em que se inicia o período chuvoso, sendo comum, outrossim, caso haja atraso do início da estação chuvosa, estender-se a época do plantio até jansiro. As chuvas quando atrasam ou caem em quantidade insuficiente,

trazem estado de tensão aos lavradores, pois, o êxito da colheita depende das chuvas em tempo e suficientes para completar o ciclo vegetativo dos produtos cultivados.

A colheita é feita a partir do mês de janeiro para os produtos plantados em outubro, prolongando-se até abril e maio. O feijão é o primeiro a ser colhido, pois, seu ciclo vegetativo é menor do que o do milho, do algodão ou da mamona. É comum colher-se o feijão que foi plantado em novembro, no mês de janeiro. O milho, geralmente, é colhido em abril e a mamona que é plantada em janeiro é colhida em junho. Já o algodão é plantado em maio.



Fig. 4 — A presença do calcário origina, em determinados lugares, o aparecimento de grutas subterrâneas, como a que é encontrada na vila de Lapão, cuja toponímia se deve a êsse fator físico.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

De acôrdo com êsse calendário agrícola vemos que o período de trabalho vai de novembro a junho. Nos meses restantes, de acentuado estio, as atividades agrícolas ficam restritas às capinas, podas, consertos de cêrcas. Nessa época os trabalhadores assalariados ficam praticamente sem serviço, vagando pela cidade e pelas vilas. Se a êsse período de entressafra seguir-se um ano de flutuações pluviométricas, o que afetará sobretudo as colheitas, as poucas possibilidades de trabalho e, por conseguinte, a situação econômica dessa gente torna-se alarmante.

A agricultura em Irecê é comercial por excelência. As culturas são feitas em consorciamento, sendo as parcelas cultivadas durante anos seguidos sem pousio, ou uso de adubos, o que bem demonstra a fertilidade do solo.

Não há um arranjo espacial das parcelas agrícolas nos estabelecimentos, isto é, uma disposição das áreas em cultivo em relação à topografia ou em função de um curso d'água, pois, o relêvo é plano e falta uma drenagem organizada. As parcelas são separadas por cerca viva utilizando o "quiabento" que é vegetal do tipo de trepadeira com grande número de espinhos, que desempenha no sertão baiano o mesmo papel do "avelós" na zona do agreste. Dispõem-se os estabelecimentos, entretanto, de maneira mais peculiar, tendo suas frentes voltadas para as estradas e caminhos. Como êsses convergem para um determinado povoado, os estabelecimentos próximos às aglomerações de casas, apresentam forma aproximadamente triangular.

Já as habitações sofrem, em sua localização a influência das características geológicas e da presença da água de infiltração. Por ser uma região de terrenos calcários e não apresentar uma drenagem superficial organizada, ao lado do afloramento do lençol subterrâneo com ressurgência sob a forma de olhos d'água e de lagoas, o *habitat* rural vai apresentar diversas peculiaridades o que nos permite dizer que em Irecê o *habitat* se apresenta com tendência para a aglomeração.

As habitações se aproximam, ou até mesmo se aglomeram, em torno dos pontos de ressurgência d'água dando, neste caso, origem aos povoados rurais. Alguns são vilas, isto é, possuem certa vida administrativa como Gabriel, Lapão*. Outros são simples povoados com vida local. Centros de moradia daqueles que trabalham a terra nas redondezas, apresentam, muitas vêzes, a importância econômica das vilas. Entre êsses povoados podemos salientar, Gameleira e Canal.

Quando não há ressurgência, mas o lençol freático está a uma profundidade suficiente, permitindo a construção de um poço, processa-se, igualmente, a concentração do *habitat*. O número de casas varia de acôrdo com a possibilidade do fornecimento de água do poço; assim encontramos pequenos aglomerados indo de 5 até 30 casas.

As casas isoladas e dispersas pelos campos em cultivo são em menor número. Encontram-se com freqüência nas vizinhanças de Irecê, ou melhor, entre esta cidade e os povoados que a contornam. Tal localização, permite levantarmos a hipótese de, nessa área, o lençol subterrâneo estar menos profundo, possibilitando a construção de pequenos poços individuais, isolando e dispersando o *habitat*.

Há, por outro lado, certa correlação entre a dispersão do *habitat* e uma mais intensa e contínua utilização do solo. Quando encontramos as habitações dispersas observamos uma lavoura feita em escala maior, os campos em cultivo são mais extensos. Parece-nos que a presença da água no subsolo em camadas mais próximas à superfície, possibilitam maior umidade, o que favorece a lavoura. É assim mais fácil construir um poço, sem grandes esforços e despesas, já que a água aparece a alguns metros abaixo do solo. Qualquer proprietário pode fazê-lo, podendo prescindir da ajuda de outros, originando a dispersão das habitações, que se situam no meio das parcelas cultivadas e não junto às estradas no caso dos aglomerados.

* Neste existe uma grande lapa, isto é, uma gruta subterrânea, daí sua toponímia.

Poderia dizer-se, em última análise, que, em seu conjunto, o *habitat* em Irecê é do tipo misto, com aglomerações intercaladas.

As habitações, em sua maioria, são construções de alvenaria, cobertas de telhas. Algumas se salientam pelo seu bom aspecto, com varandas, demonstrando a boa situação econômica do proprietário. Além das casas de meeiros, um galpão para guardar a maquinaria, implementos, caixotes, sacaria, completa as instalações de uma grande propriedade. Raramente encontramos um curral, porque o gado que existe é criado em pastos cercados onde cultivam palma forrageira. Nos pequenos estabelecimentos não existe moradia para os meeiros, pois, geralmente êsses têm também terras próprias ou moram nas vilas e povoados das redondezas.

As vilas como Lapão, Gabriel e os povoados como Gameleira e Canal são agrupamentos que existem em função das atividades rurais. São locais de moradia de trabalhadores rurais e de proprietários que tendo suas terras de lavoura nas proximidades, vivem nesses pequenos aglomerados. São povoados-centros, pois servem como centro de serviços a uma área agrícola circunvizinha, tendo certa autonomia econômica, pois, não dependem da cidade de Irecê para seu abastecimento. O pequeno comércio varejista que cada povoado possui faz suas transações com "caixeiros-viajantes" que vêm ao local oferecer suas mercadorias. Posteriormente os caminhões trazem o que foi comprado. Isto estimula um movimento constante de viaturas que transportam, igualmente, dêsses povoados e de Irecê, o que a região produz. Jacobina é o centro urbano que possui relações comerciais mais intensas com Irecê mas, também, êsse município comercia diretamente com Feira de Santana e Salvador. Algumas firmas que têm escritório comercial em Jacobina, como a SANBRA e o J. Coelho, mantêm certo número de caminhões em tráfego permanente que vão apanhar os produtos agrícolas em Irecê.

Isto tem feito com que a cidade não apresente desenvolvimento que seja o reflexo da economia da região e desempenhe o papel de centro de uma área agrícola bem desenvolvida. Apesar de haver casas novas em Irecê e um constante movimento de caminhões, a mesma não dispõe de serviços médico-hospitalar, bancário, educativo ou hoteleiro, dependendo ela dos centros urbanos acima citados. O comércio varejista é pobre e mal instalado; algumas pensões sem conforto são os lugares de pouso para os viajantes. Um pôsto médico, pertencente ao Departamento Nacional de Endemias Rurais atende à população. Há na cidade também uma agência do Banco da Bahia S/A, instalada em 1956.

Em parte essa situação é motivada pela ausência de indústrias, pois de importância só existe uma usina de beneficiamento do algodão, em pluma. As demais são rudimentares, como a de farinha e a de cal.

A expansão das áreas cultivadas e a maior comercialização dos produtos agrícolas são recentes na região de Irecê, podendo-se dizer que o processo neste sentido foi desencadeado por volta de 1940, quando então se deu nítido aumento da população, estando êste fato muito correlacionado com as modificações recentes que vieram alterar a paisagem rural.

A evolução da paisagem agrária

Até 1940 a lavoura era feita em proporções reduzidas apesar da fertilidade dos solos. Faziam culturas de feijão, milho e mandioca, visando somente à subsistência da população que se dedicava à plantação do algodão. Ainda nessa época havia extensas áreas cobertas pela caatinga arbórea, que era parcialmente derrubada, à medida que se processava o incremento demográfico e o da cotonicultura. Era esse produto a base da economia da região. O algodão era descaroçado no local, em uma usina rudimentar instalada, que consistia em uma máquina de madeira, e depois transportado, em lombo de burros, até Queimados, seguindo por ferrovia até Salvador.

A economia algodoeira veio originar-se em área até então utilizada exclusivamente pelo livre-pastoreio. A região possuía então, isto é, na primeira década do século XX, importância muito maior como área de criação do que na atualidade. Tal situação se coadunava com o isolamento em que a mesma se encontrava, mal servida por vias de comunicação, o que não favorecia a comercialização dos produtos agrícolas. O decréscimo da importância do criatório em favor da lavoura, quando se criaram melhores possibilidades para esta, é bem compreensível face às condições climáticas e à pobreza dos pastos espontâneos e, além disso, o gado bovino aí criado é, até hoje, constituído de animais de tipo mestiço, de carne fibrosa, de pouca aceitação nos centros urbanos de maior consumo. Poderia ter melhorado o rebanho, mas para isso teriam que introduzir a palma forrageira e comprar reprodutores de raça. Ora o solo era fértil e os rendimentos eram satisfatórios, daí dirigirem a economia regional para a agricultura. De uns quinze anos para cá, foram feitas tentativas, introduzindo-se a palma forrageira, mas os lucros não têm sido compensadores. Já os suínos e os caprinos são mais numerosos, possibilitando a comercialização com os centros urbanos próximos, transportando os animais vivos em caminhões.

O primeiro passo para o desenvolvimento das atividades agrárias na região foi a introdução do arado fixo do tipo aiveca, puxado a boi, desencadeando-se, então, verdadeiro surto renovador nos processos agrícolas que chegou à atual mecanização da lavoura. Essa iniciativa se deve a um dos grandes proprietários de Irecê, que trouxe para sua fazenda, em 1940, tal implemento agrícola, o que lhe possibilitou desmatar e arrotear novas parcelas, expandindo consideravelmente a área agrícola. Apesar de empregado por outros fazendeiros, o arado só se generalizou realmente a partir de 1943, quando o governo estadual, conhecedor da fertilidade dos solos de Irecê e da renovação que se iniciara, voltou sua atenção para a agricultura local. O auxílio prestado pela Secretaria da Agricultura do Estado, consistiu na vinda para o município de tratores que eram alugados por preços módicos, e no fornecimento de crédito para a aquisição de outros implementos.

Presenciou-se na área a expansão da lavoura comercial do feijão, milho, mamona, ao mesmo tempo que se aumentava a produção algodoeira e o contingente populacional se tornava mais numeroso.

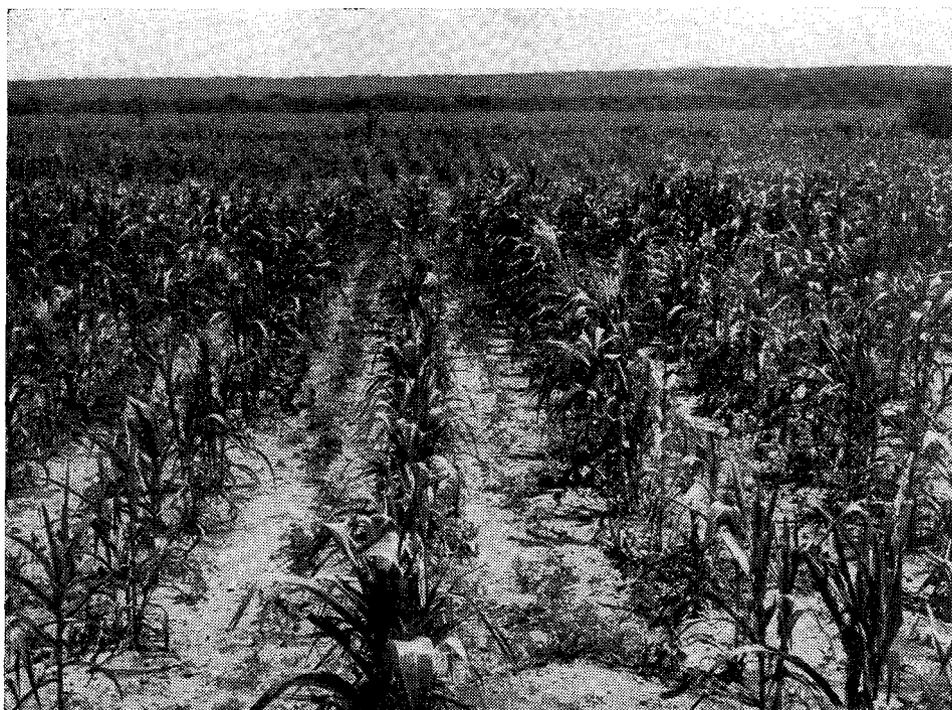


Fig. 5 — O consorciamento das lavouras é a constante em todas as parcelas agrícolas. Na foto, intercalada entre as fileiras dos pés de milho, cultura do feijão. Ao fundo, salientam-se, na paisagem, os níveis retilíneos característico da região.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

Posteriormente, outro órgão oficial, a Comissão do Vale do São Francisco, veio atuar na região. Seu papel como incentivador da mecanização da lavoura e na assistência técnica ao lavrador se fez notar, o que repercutiu num expressivo aumento da produção após 1953, data do início de seus trabalhos em Irecê, através de uma “residência agrícola”. Pelo quadro abaixo podemos sentir o aumento da produção agrícola depois da instalação da CVSF, em Irecê.

	Milho saco de 60 kg	Feijão saco de 60 kg	Algodão arrôba
1950	15 000	6 000	4 500
1951	12 000	3 600	4 500
1952	15 000	3 000	50 000
1953	80 000	20 000	100 000
1954	130 000	8 000	200 000
1955	180 000	80 000	250 000
1956	142 000	130 000	280 000

Também a Secretaria da Agricultura organizou um trabalho de assistência técnica e material permanente à lavoura que se chamou de “Operação Irecê”. Esta e a Comissão do Vale financiam a compra de tratores, arados, inseticidas, como também alugam máquinas para os trabalhadores agrícolas, além de manterem agrônomos na região.

Além desses órgãos oficiais que dão assistência à agricultura do município, temos no Banco do Brasil, através de financiamentos concedidos pela Carteira Agrícola, um fator importante para o incremento da lavoura e isso se tem processado desde 1953, quando se iniciou a concessão de crédito para as propriedades rurais.

Apesar dessas iniciativas que repercutiram no aumento do rendimento da produção, a lavoura não apresentava lucros compensadores. As vendas eram prejudicadas pela desorganização e morosidade do escoamento dos produtos, reflexo da precariedade das vias de comunicação que tinham evoluído do estágio de caminhos de tropas para estradas carroçáveis, porém, não atingindo uma situação que possibilitasse o tráfego permanente de caminhões, apesar de os mesmos servirem à área desde a década de 40. Como a região não podia enviar, com regularidade, sua produção, os proprietários não conseguiam obter mercados consumidores firmes, pois, estes não podiam ficar à mercê de um abastecedor irregular, que dependia das condições das vias de circulação precárias, sobretudo, na época das chuvas. Muitas colheitas não deram lucros compensadores porque na época não encontravam compradores em número suficiente. A ausência de consumidores permanentes, fazia com que em certas épocas a mercadoria fôsse oferecida em grandes quantidades e os preços não compensassem os gastos da produção.

Quando foi concluída, em 1959, a estrada de rodagem federal, ligando Xiquexique a Ipirá e passando por Irecê, a lavoura tomou outro incremento, pois, com a construção dessa via de comunicação ficou mais fácil o escoamento da produção, intensificando-se as relações comerciais que tiveram como principal consequência a ampliação da área abastecida pela região agrícola de Irecê.

Assim a introdução do trator generalizando a mecanização da lavoura na área, a abertura de boas vias de comunicação que possibilitaram o tráfego permanente de caminhões, incentivaram a agricultura que se expandiu em área e com o decorrente aumento da produção. Isto veio influir na transformação da maneira como se fazia a utilização da terra, que evoluiu da forma mais rudimentar que é o sistema itinerante, para o de rotação de terras; evolução que continua a processar-se, como podemos verificar pelo que vamos expor.

No início do povoamento da região, quando ainda dominava em quase toda a área a caatinga arbórea e a mão-de-obra era deficiente, a agricultura se caracterizava por ser itinerante. Não havia, na ocupação, continuidade em área. As parcelas ficavam disseminadas no meio da caatinga de maneira desorganizada. Derrubavam a caatinga menos densa, faziam a queimada e a roçada. Nos trechos onde o terreno ficava mais limpo, plantavam-se feijão e milho, sempre em escala reduzida, pois era para o consumo local. Nas parcelas onde permaneciam tocos, plantavam algodão. Não havia ainda o consorciamento dos produtos, salvo o feijão com o milho. As áreas em cultivo ficavam isoladas pela galharia derrubada que servia de cerca, não construída e, sim, amontoada. A esta barreira para o gado denominaram de "betume". Os implementos utili-

zados nesse sistema de lavoura, feita com técnica rudimentar, se restringiram à enxada, à foice ou ao facão. Apesar de o rendimento por hectare não ser baixo, não havia interesse pela agricultura, excetuando a do algodão. Os proprietários, sem recursos suficientes e com pouca mão-de-obra disponível, davam preferência ao criatório que era a base econômica da área.



Fig. 6 — As extensas parcelas com consorciamento de mamona, feijão e algodão, marcam a paisagem humanizada desse trecho do sertão baiano.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

Com o emprêgo do arado puxado a boi e, posteriormente, o trator, as terras cultivadas tornaram-se mais extensas. A abertura de novas parcelas se fazia igualmente na base da derrubada e da queimada, porém, já seguia certa organização espacial em função dos caminhos que já não eram simples picadas, mas estradas carroçáveis. O uso do trator intensificou o desmatamento o que possibilitou derrubar a caatinga mais espessa, abrindo-se sucessivamente novos lotes. Após alguns anos de cultivo deixavam as parcelas em pousio, surgindo as capoeiras. Abandonavam as parcelas que começavam a apresentar menor rendimento, não significando isso que os solos já estivessem entrando em fase de esgotamento, mas, sim, porque havia muita terra disponível, ainda não ocupada. Depois da derrubada e queimada, aravam o terreno, e não empregavam qualquer fertilizante, nem mesmo o adubo verde. Plantavam milho, feijão e mamona consorciados, obtendo sempre boas colheitas. Com base nesse sistema de rotação de terras processou-se a expansão da área de lavoura em Irecê.

Atualmente nas áreas de ocupação efetiva, onde já não há terras a serem desbravadas, como em Lapão, Gameleira, Canal, a rotação de terras já não se processa. Tôdas as parcelas são intensamente utilizadas. A maneira como o solo é cultivado se caracteriza pelo uso contínuo das terras, pois, as lavouras anuais se sucedem em uma mesma gleba, continuamente, sem pousio. O ano agrícola inicia-se em novembro e as últimas colheitas, a do algodão, terminam em junho. No período de julho a outubro, que coincide com a estação sêca, a terra não é utilizada. O que é freqüente fazer-se é, após quatro anos consecutivos de milho, feijão e algodão, se plantar a palma forrageira. Quando ela estiver crescida, aí, coloca-se o gado para engordar. Posteriormente a parcela volta a ser cultivada. Aram sempre o terreno, mas não usam, ainda, o adubo, pois, o solo não apresenta sinais de esgotamento devido a sua grande fertilidade.

Porém, nos últimos dez anos tem sido grande o devastamento das matas para a abertura de novas parcelas, ampliando de muito o tamanho dos estabelecimentos, como podemos observar pelos dados censitários. Após alguns anos de cultivo essas terras são abandonadas, pois, há trechos ainda utilizados pelo livre pastoreio, que podem ser anexados sem grandes preocupações e com bons rendimentos, sem precisar conservar os solos. Vemos, além disso, que, apesar do grande aumento da superfície dos estabelecimentos, a área em lavoura não vem crescendo na mesma proporção, pois, se consultarmos os censos das últimas duas décadas, veremos que foi mínimo o crescimento da porcentagem das terras em lavoura.

Os sistemas agrícolas em Irecê, ainda não atingiram técnicas mais aperfeiçoadas, como a de rotação de cultura. Esse uso contínuo das parcelas é como que um estágio intermediário entre a rotação de terras e a rotação de culturas, que talvez esteja muito próximo de aparecer na área, pelas contingências da própria produção e do comércio.

Conclusões

Como se vê, em tôrno de Irecê se originou uma região agrícola em franco desenvolvimento, em contraste nítido com a paisagem comum do sertão baiano, sobretudo no sertão são-franciscano, onde a pecuária extensiva domina em quase tôdas as áreas.

Dois fatores físicos ressaltam como sendo as condicionantes principais de sua existência: a maior fertilidade natural do solo e a presença da água subterrânea. Porém, durante muitos anos êsses fatores não foram suficientes para que a lavoura aí se expandisse, pois o isolamento em que se encontrava, devido à precariedade das vias de comunicação, não possibilitava maior comercialização dos produtos agrícolas. Ademais não são restritas a essa área relativamente pequena, pois, outras bacias calcárias são encontradas no vale do São Francisco.

Graças, primeiramente, à iniciativa privada complementada pelo apoio dado pelos órgãos estaduais e federais que incentivaram a meca-



Fig. 7 — A cidade de Irecê é um centro urbano que se vem desenvolvendo, mas ainda não apresenta condições de serviços condignos com sua importância econômica. As ruas em geral não são calçadas e, como podemos notar, são de terra batida. Só uma artéria se apresenta pavimentada com pedras irregulares. O casario é baixo, apesar de haver construções novas, reflexo de sua expansão.

(Foto: JABLONSKY — CNG).

nização, a lavoura se desenvolveu, aumentando a área cultivada. Essa mecanização foi possível devido à topografia plana, que bem caracteriza esse trecho do rebôrdio da Chapada Diamantina. As possibilidades da circulação rodoviária consumaram-se com a construção da rodovia federal que facilitou enormemente o escoamento das safras e os transportes, incentivando a comercialização da produção agrícola. Com a importância crescente dessas condições técnicas, os cultivos evoluíram da lavoura itinerante de subsistência para o uso contínuo das parcelas, reflexo da lavoura comercial em expansão.

Porém essa produção encontra nas flutuações pluviométricas o seu maior obstáculo, pois, o atraso da estação chuvosa e a deficiência do total anual de chuva, poderão fazer perder toda uma colheita promissora, o que trará desânimo para a população agrícola e influirá na vida econômica do município.

Essa mesma dependência à estação chuvosa obriga a população ativa a um período de inércia durante a entressafra, pois o lavrador não tem em que se ocupar nos meses secos, isto porque não cultiva, mesmo desconhecendo, produtos ou técnicas que poderão ser empregadas nesse período de inatividade. Esta estação ociosa comum a todo o sertão contribui para uma expressiva perda do potencial humano da área.

Outros problemas, êsses de ordem econômica, apresenta a agricultura nessa área e que podem ser resolvidos sem grandes dificuldades.

Um dêles é a necessidade de se construírem pequenos armazéns e silos para acondicionamento dos cereais nos anos em que as colheitas forem abundantes, sem precisar baixar demais os preços da produção, dando ao lavrador lucro compensador. Outro é facilitar ao pequeno proprietário a compra, através de pagamento facilitado, de máquinas agrícolas. Ao mesmo tempo carece fornecer créditos para serem empregados na melhoria da produção como, também, nas instalações dos estabelecimentos.

O caso de Irecê não deve constituir dentro do sertão a única área com essas possibilidades para os trabalhos agrícolas. Talvez outras áreas existam à espera de estudos e efetiva ocupação. Pesquisas geológicas, edáficas e do lençol freático precisam ser efetuadas no sertão, para que, aproveitando a lição de Irecê se possa avaliar, com mais precisão, as possibilidades incontáveis que o Nordeste pode oferecer.

Algumas observações sôbre um mapa de uso da terra em Irecê

Objetivando exemplificar a utilização da terra em uma pequena área em tôrno de Irecê, executamos a carta aqui apresentada.

Foi feita mediante restituição expedita e interpretação das fotografias aéreas na escala aproximada de 1:25 000, executadas em 1961 (maio a setembro), pelos Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S/A, a pedido da Comissão do Vale do São Francisco.

Conseguimos selecionar algumas características da organização do espaço agrícola na região. Procuramos, então, distinguir quatro categorias de parcelas: 1) parcelas com culturas consorciadas de milho, feijão, mandioca e algodão que representam as mais expressivas culturas dessa área agrícola; 2) parcelas com cultura de agave; 3) capoeira rala onde, em certos trechos, há livre pastoreio, bem observáveis nas aerofotos, pelo pisoteio do gado onde a vegetação mais rala é marcada; 4) capoeira alta, mais fechada, cuja antiga ocupação é testemunhada por trilhas visíveis e, ainda, pequenas parcelas de caatinga circundadas por parcelas em cultivo ou, mesmo, capoeira rala.

O primeiro fato a se ressaltar é a intensa utilização da terra, a multiplicidade de parcelas em cultivo. Nota-se contudo maior concentração das mesmas a oeste da cidade do Irecê, sobretudo, em tôrno do povoado Lagoa Canabrava, o que contrasta com a parte leste do município onde predomina a capoeira rala. As parcelas têm tamanhos variados e são divididas por cercas vivas, caracterizando-se uma paisagem de campos fechados alternados com espaços abertos.

Não há forma geométrica nítida das parcelas, porém, as situadas próximo aos povoados, estendendo-se entre caminhos ou estradas carroçáveis convergentes, têm forma aproximadamente triangular.

A nordeste da cidade de Irecê, distinguem-se parcelas em cultivo dispersas na capoeira rala, dando-nos a idéia de possibilidade da permanência da lavoura itinerante nesse trecho do município. Ao mesmo tempo é nítido, aí, o avanço da capoeira mais fechada sôbre a mais rala.

Distingue-se, em quase tôda a área representada, a capoeira rala e vestígios das antigas parcelas cultivadas. Ela ocupa maior superfície na parte leste do município, reflexo do povoamento que se processou gradativamente do Vereda do Romão para oeste.

Como assinalamos, a rêde de estradas e caminhos se constituiu convergindo para os diversos pontos onde há ressurgência. Ao que tudo indica, os caminhos e estradas atuais deveriam ser as trilhas por onde o gado, na fase antiga do povoamento, transitava livremente em busca de água para beber.

É em tôrno dêsses pontos de ressurgência que se concentrou a população originando-se, assim, os povoados rurais. Daí notar-se, em Irecê, um *habitat* rural com tendência para a aglomeração.

Além, dêsses povoados, distinguimos no mapa uma série de pequenas aglomerações de habitações em tôrno de um poço, muitas vêzes cercado. O número de casas varia, encontrando-se pequenos aglomerados indo de 5 a 20 casas.

As habitações isoladas e dispersas pelos campos em cultivo são em menor número. São encontradas com freqüência nas vizinhanças da cidade de Irecê, ou melhor, entre esta cidade e os povoados que a contornam. Podemos notar que há certa coincidência entre a dispersão do *habitat* com mais intensa e contínua utilização do solo.

Nos aglomerados maiores as habitações apresentam, para os fundos, um lote de terreno individual demarcado, ora maior, ora menor. Isto já não ocorre nas habitações isoladas que estão dispersas nas áreas cultivadas.

S U M M A R Y

Irecê is a município (county and county town) in the back country of Bahia, on the plateau know as the Chapada Diamantina. Its outstanding features in the regional economy consist in a remarkably high agricultural output and the way the land is tilled with use of mechanized equipment, so that its demographic density is now higher than that of the neighbouring municípios.

It can be seen at once that real "agricultural island", exceptional both demographically and economically, corresponds to a limestone basin laid down in the Silurian on an Algonkian base. In certain places the limestone appears on the surface in outcrops of bare rock or else is fashioned by chemical weathering into sinkholes or caves.

As to climatic conditions, the Irecê area comes under the heading of the semi-arid type, with the predominant characteristics of the *sertão*. The area is mantled with a woody scrub forest, interspersed only rarely with cactaceae.

It should be noted that there is little in the way of an organized surface drainage pattern in the area. With the exception of the Rio Jacaré, one of the affluents of the São Francisco no definitive watercourses can be located there. Seepage through the limestone tends to terminate in resurgence of the water elsewhere in lakes scattered all over the region.

A search to discover the determinants that will explain the more intense tillage leads to the conclusion that two natural causes are to be evoked to justify this development: the soil and the underground water.

Turning to the agrarian picture in Irecê, special traits are to be observed as regards techniques and systems of working the land. In spite of considerable variation in size, it may be said that the majority of farms are of medium area, ranging from 80 to 450 hectares (200 to 1100 acres). There is no relationship between the size of the farms and the farming system employed. All the landowners and tenant farmers or overseers use the same crop-raising techniques irrespective of the extent of the land cultivated. This is, however, by no means true of the management pattern of land development, the farms being worked directly or indirectly according as to whether they are small or large. Absentee landlords hand over their estates to a single individual to manage them. This form of working is known as a "society", and essentially it differs little from tenant farming.

The farmer plants all the crops that are likely to yield a profit, however small the arable area available for the purpose. This is his way of guarding against a possible failure of those that are more demanding as to climatic conditions, e. g. beans and corn, and can be offset by others that are more drought-resistant, such as castor-oil and sisal.

The level topography is suited to mechanized cultivation. Thus the use of the tractor-drawn plough is general throughout the município. Such mechanization is, however, recent and has been the growth factor of the agricultural output.



REGIÃO AGRÍCOLA DE IRECÊ
mapa de utilização da terra
e
distribuição do habitat rural

- AGLOMERADO URBANO
- AGLOMERADO RURAL
- CULTURAS CONSORCIADAS (MILHO, FEIJÃO, ALGODÃO E MAMONA)
- CAPOEIRA COM ÁREAS DE LIVRE PASTOREIO
- CAPOEIRA ALTA E PARCELAS INCULTAS
- RODOVIA
- ESTRADA CARROÇÁVEL E CAMINHOS
- HABITAÇÃO



Farming in Irecê consists essentially of cash crops. These are grown in association, the plots being tilled for years on end with neither fallow nor fertilizer, which is a clear indication of the fertility of the soil.

There is no spatial arrangement of the farmlands on the on the estates. The location of living quarters depends very largely on geological features and the presence of subsurface water saturation. Houses draw closer to one another or are even grouped together around points where the water regains the surface, giving rise to rural settlements. Where there is no resurgence, but the water table is at a suitable depth for sinking a well, habitation also tends to concentrate. Isolated houses spread out over the tilled fields are not so numerous. Taken as a whole, land occupancy in Irecê is of the mixed tyxed type, with agglomerations interspersed with scattered housing.

Townships like Lapão and Gabriel and hamlets like Gameleira and Canal are centres of population, for they act as service centres for the surrounding farm area and enjoy a certain degree of economic independence in that they do not have to rely on the "city" or county town of Irecê for their supplies. Thus Irecê city shows no signs of growth to parallel the expanding economy of the area.

The development of farming in Irecê started in 1940 with the introduction of the plough, followed by the generalization of mechanization. Government agencies, above all the São Francisco Valley Commission, contributed to agricultural expansion with technical and financial assistance. However, it was only when a good road was built that this activity became lucrative, for this made for better marketing of the farm produce, throwing the region open to trucks coming from Jacobina, Feira de Santana and Salvador to pick up supplies in Irecê.

With the development of farming, the method of land use underwent a transformation, involving from the rudimentary itinerant system to that of crop rotation which has now brought the fields into continuous cultivation without, however, resorting to fertilizers.

Finally attention is called to the importance of the rains for the crops, not only annual rainfall, but also the start of the rainy season being a matter of concern. Some suggestions are made on how to obtain better productivity for crop-farming in Irecê, and emphasis is laid on the necessity of buildings silos for grain storage increasing credits and making it easier to gain possession of the land.

It seems very likely that there are other areas in the sertão with the necessary physical conditions large-scale agriculture, and this calls for research work to be urgently expanded so as to evaluate the true possibilities of the Northeast in this respect.

RÉSUMÉ

Irecê est un municpe situé dans la brousse à l'intérieur de l'Etat de Bahia, dans la zone de la Chapada Diamantina. Cette région se distingue dans l'économie régionale par l'importance de sa production agricole et par les caractéristiques de son agriculture qui est mécanisée. Elle présente aussi une densité démographique supérieure à celle des municpes limitrophes.

On se rend rapidement compte que cette véritable "île agricole" d'expression démographique et économique particulière, correspond à une cuvette calcaire déposée à l'époque silurienne sur des terrains algonquins. Dans certains endroits, le calcaire apparaît en affleurement de roche plate ou bien, en raison de la décomposition chimique, sous forme de delines ou grottes.

En ce qui concerne les conditions climatiques, la région d'Irecê peut être comprise dans le type semi-aride avec les mêmes caractéristiques prédominantes que celles de la brousse. La caatinga broussailleuse recouvre cette région avec la présence occasionnelle de cactacées.

Il faut noter la pauvreté de drainage superficiel organisé dans la région. A l'exception du Rio Jacaré, une des affluents du Rio São Francisco, il n'y a là aucun cours d'eau de tracé permanent. L'infiltration de l'eau dans le calcaire et suivie de sa résurgence autre part sous forme d'étangs disséminés sur toute la région.

Si on cherche ce qui conditionne et explique la mise en valeur plus intense de la terre, on voit que deux éléments naturels ressortent pour la justifier: le sol et l'eau souterraine.

A l'égard de la situation agraire, Irecê présente des caractéristiques spéciales en ce qui concerne les techniques et les forms d'exploitation du sol. Bien que leurs superficies varient, les propriétés moyennes qu'on considère comme ayant de 80 à 450 hectares prédominent ici. Il n'y a aucun rapport entre la taille des exploitations et le système agricole employé. Tous les propriétaires et agriculteurs se servent des mêmes techniques pour le travail de la terre, quelle que soit la dimension de la propriété. Le contraire s'observe en ce qui concerne le régime d'exploitation, car il y a une forme directe ou indirecte, selon que la propriété est petite ou grande. Les propriétaires absentéists louent leurs terres à un fermier pour s'en occuper. Cette forme de travail est connue sous le teme de "sociedade" qui présente les mêmes caractéristiques que le métaige.

L'agriculteur plante sur ses terres, aussi réduite que soit la partie arable, tous les produits qui puissent lui rapporter. C'est sa façon de se défendre contre les possibles échecs des cultures plus exigeantes du point de vue climatique tel le haricot et le maïs, et les autres (ricin et sisal) qui résistent mieux à la sécheresse.

La topographie plane des terrains favorise la motoculture. Ainsi, l'emploi de la charrue tirée par le tracteur s'est généralisé dans le municpe. Toutefois, la mécanisation est récente et c'est elle qui a été le facteur de l'augmentation croissante de la production agricole.

L'agriculture à Irecê est commerciale par excellence. Les cultures sont faites en consortium, le terrain est exploité pendant plusieurs années consécutives sans jachère ni engrais, le qui montre bien la fertilité du sol.

Il n'y a pas d'organisation spatiale des parcelles agricoles sur les fermes. Les habitations isolées et dispersées dans les campagnes cultivées sont en minorité. Dans l'ensemble, l'habitat à Irecê est du type mixte, avec des maisons éparpillées et quelques agglomérations.

Les bourgs tels que Lapão, Gabriel et les hameaux comme Gameleira et Canal sont des agglomérations centrales car ils agissent comme centres de services pour les régions agricoles avoisinantes et ont une certaine autonomie économique, puisqu'ils ne dépendent pas d'Irecê pour leur approvisionnement. Celle-ci ne présente pas un essor qui soit le reflet de l'économie en expansion de la région.

Le développement de l'agriculture à Irecé s'est produit en 1940. Il a commencé avec l'emploi de la charrue et a pris de l'ampleur avec la vulgarisation de la mécanisation. Des organismes gouvernementaux, surtout la Commission de la Vallée du São Francisco, ont contribué à l'extension de l'agriculture par l'assistance technique et financière. Cependant, cette activité n'est devenue lucrative qu'avec la construction d'une bonne route qui a permis un débouché plus important des produits agricoles, assuré par camions venant de Jacobina, Feira de Santana et Salvador, pour s'approvisionner à Irecé.

Avec le développement de l'agriculture, la façon de cultiver la terre s'est transformée, en se libérant de la forme la plus rudimentaire qui est le système itinérant, pour celui de la rotation des terres arrivant actuellement à l'emploi continu des parcelles, sans cependant employer d'engrais.

Pour conclure, l'auteur attire l'attention sur l'importance des pluies pour les récoltes, non seulement du point de vue des précipitations annuelles, mais aussi du commencement de la saison humide. Certaines suggestions sont faites pour améliorer la productivité de l'agriculture à Irecé; entre autres, la nécessité de construire des silos pour l'emmagasinage des céréales, et l'augmentation des crédits et facilités pour acquérir des terrains.

Il doit y avoir d'autres zones de la brousse dont les conditions physiques se prêtent à une agriculture à grande échelle; il faudrait donc augmenter les recherches pour évaluer les possibilités réelles que a le Nord-Est peut offrir.